

O GÊNERO QUADRINHO EM ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA: O FOCO NA VARIAÇÃO

BARBOSA, Jackson Cícero França
(UEPB - PIBID/CAPES/UFCG)

RESUMO

Com o objetivo de relatar uma das experiências das atividades de intervenção didático-pedagógicas executadas nas ações do subprojeto PIBID Letras UFCG – Campina Grande, nos anos de 2012 a 2014, este trabalho discute, de maneiras crítica e reflexiva, a realidade vivenciada a partir da execução de uma SD que contemplou apresentação, mediação e recepção dos textos lidos no curso das aulas/oficinas desenvolvidas. Considerando que o trabalho com a leitura ainda é um grande desafio no cotidiano da sala de aula, a utilização de Histórias em Quadrinhos (HQs) é uma estratégia recorrente e relevante quando se trata de um trabalho que desperte o interesse dos alunos, como também, que os faça observar que a hibridização do verbal e do não-verbal possibilita uma ampla diversidade de interpretações e leituras que são desenvolvidas através do contato com o suporte em que o gênero foi composto. Em outras palavras, as HQs abrangem aspectos riquíssimos da linguagem, como por exemplo, o coloquialismo, as imagens, o texto escrito, o texto visual, que demonstram os comportamentos através dos gestos, das mensagens que ficam (sub)entendidas nos diálogos e os aspectos dos quais o autor se apropria para instigar a imaginação do leitor. Os pressupostos teóricos que embasam este trabalho circundam as teorias de gênero (Bakhtin, 2000; Mendonça, 2010; Marcuchi, 2008), leitura (Kato, 1987; Keiman, 1989, 1992) e variação linguística (Labov, 2008; Bagno, 2001, 2007, 2004 ; Bortoni-Ricardo, 2004). Sem nos preocuparmos com a falta ineditismo da abordagem, consideramos a leitura de HQs do Chico Bento uma estratégia válida para o alcance do objetivo primordial que é o desenvolvimento de hábitos de leitura. Além disso, através da representação escrita do oral nos quadrinhos, conseguimos discutir coletivamente sobre, mudança, dinamismo linguístico e, principalmente, a diversidade da língua portuguesa falada em todo Brasil.

Palavras-chave: Relato. Leitura. Quadrinhos. Variação.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o objetivo de relatar as experiências obtidas nas atividades de intervenção didático-pedagógicas executadas dentro do cronograma de atividades do subprojeto PIBID Letras – Campina Grande, este relato vem espelhar, de maneiras crítica e reflexiva, a realidade vivenciada a partir da execução da sequência didática que contemplou apresentação, mediação e recepção dos textos lidos no curso das aulas/oficinas desenvolvidas no processo de prática de leitura de textos de gêneros que circulam no cotidiano dos alunos participantes.

A falta de conhecimento de (con)textos direcionados às práticas sociais que vinculam os alunos ao uso, leitura e desenvolvimento de competências linguístico-discursivas almejadas para o reconhecimento de determinados textos, ocasionou na reflexão problemática sobre as competências leitoras (não) adquiridas ao longo do processo de escolarização, justificando a elaboração dos módulos de aulas para uma intervenção direcionada aos problemas identificados através do diagnóstico realizado em turma do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, situada no bairro da Bela Vista, na cidade de Campina Grande, PB. Assim, elaboramos uma Sequência Didática (SD) que contemplasse leitura e interpretação de textos que despertassem o interesse dos alunos envolvidos no processo de intervenção deste subprojeto.

De maneira hipotética, inferimos que o trabalho com a leitura ainda é um grande desafio em diversas vivências travadas no cotidiano da sala de aula. Muitas vezes, o professor acaba perdendo o estímulo sobre o trabalho com o texto por ocasião da falta de interesse de seus alunos pela leitura.

A utilização de Histórias em Quadrinhos (HQs) na sala de aula é uma estratégia recorrente e relevante quando se trata de um trabalho que desperte o interesse dos alunos em ler as narrativas colocadas na disposição de quadros sequenciados. A hibridização do verbal e do não-verbal possibilita uma ampla diversidade de

interpretações e leituras que são desenvolvidas através do contato com o suporte em que o gênero foi composto. Em outras palavras, as histórias em quadrinhos abrangem aspectos riquíssimos da linguagem, como por exemplo, o coloquialismo, as imagens, o texto escrito, o texto visual, que demonstram os comportamentos através dos gestos, as mensagens que ficam subentendidas nos diálogos e os aspectos do qual o autor da HQ se apropria para instigar a imaginação do leitor.

Com base no exposto, sugerimos a leitura coletiva de uma HQ do famoso personagem rural de Maurício de Sousa, o Chico Bento. Sem nos preocuparmos com o ineditismo da abordagem, consideramos, esta, uma estratégia válida para o alcance do objetivo primordial que é o desenvolvimento de hábitos de leitura. Além disso, considerando a representação escrita do oral nos textos que trazem a fala da personagem, conseguimos chegar em importantes discussões coletivas, no âmbito da turma, sobre o perfil, mudança, dinamismo e, principalmente, a diversidade da língua portuguesa falada em todo Brasil.

2. INTERFACES DAS ABORDAGENS: gênero quadrinho, ensino e a questão da variação linguística

Todos os procedimentos metodológicos que utilizamos nas atividades pedagógicas de ensino/aprendizagem de língua, como também o que se refere à definição dos objetivos e do objeto de estudo desta atividade, foram desenvolvidos com base na concepção sociointeracionista, tendo em vista que esta surge da ênfase social que é dada as realizações ligada à fala. Assim, propusemos aos alunos leituras de diversos textos que os fizessem refletir sobre o sistema linguístico que os mesmos utilizam, ressaltando escolhas sêmio-lexicais, modalidades morfossintáticas, fonético-fonológicas que garantem a constituição dos dialetos que surgem em categorias distintas e dinâmicas na constituição de sua língua enquanto atuação social de dois ou mais interlocutores, relacionada às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização (ANTUNES, 2003).

Uma vez que defendemos a língua enquanto prática social, para a qual é variável na forma, em virtude das diferentes funções que se propõe a cumprir e dos diferentes gêneros em que se realiza, oferecemos, dentro das atividades propostas na SD, leitura de textos que convidam os alunos para tais reflexões.

Hodiernamente, a questão do ensino de língua portuguesa tem sido foco de interesse de diversos pesquisadores, tais como: Bagno (2001; 2007; 2009); Mattos e Silva (1995); Castilho (1998); Neves (2004); Antunes (2003); Dionísio, Machado e Bezerra (2002); Azeredo (2007); Faraco (2008), entre outros.

Diante da constatação de uma grave crise no ensino de língua materna, esses trabalhos rediscutem o ensino tradicional e promovem uma reflexão dos caminhos que podem ser trilhados pelos educadores de língua materna que se preocupam com a formação questionadora e crítica de seus alunos.

O fenômeno da variação linguística vem sendo estudado, no Brasil, há décadas e, hoje, já podemos ter acesso a uma gama de informações acerca das variedades linguísticas que coexistem em nosso território. No entanto, há uma escassez de material pedagógico sobre a questão, o que dificulta a disseminação desse conhecimento, como atestam as palavras de Angelim e Silva (2007, p. 161):

No Brasil, os estudos sobre a realidade da fala, no entanto, não alcançam a divulgação necessária a torná-los um instrumento pedagógico capaz de interferir nas práticas de ensino de português. Muitos professores, por desconhecerem as pesquisas linguísticas ou o modo de transferir os resultados nelas obtidos a uma efetiva prática em sala de aula, não levam em conta a variação no estudo da língua como fator de comunicação.

Paradigmas sobre questões referentes a variação apresentados, refletimos direcionadamente ao âmbito do cotidiano da sala de aula, quando, por ventura, surgem situações em que as desigualdades são instauradas devido a heterogeneidade linguístico-cultural dos indivíduos em processo de aprendizagem. Assim, os PCN transmitem a ideia da função social da escola dentro de um direcionamento conscientizador em relação à discriminação linguística quando afirmam que “frente

aos fenômenos das variações, não basta somente uma mudança de atitudes: a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística.” (PCNLP, 1998, p. 82).

Sob auxílio do documento parametrizador, trazemos para a sala de aula uma HQ que revela, através da escrita, uma variação que se aproxima aos expoentes linguísticos do dialeto rural. Chico Bento, famoso personagem das histórias desenvolvidas na roça, é um recorrente recurso dentro das diversas salas de aulas do nosso país. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 46), “suas historinhas são também um ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística”.

Como o quadrinho ainda tem o poder de despertar o interesse pela leitura, certificamo-nos de que tal material trouxesse aportes necessários para a instauração da discussão reflexiva nas aulas de intervenção pedagógica. Constatados os elementos que dariam vez ao desenvolvimento da aprendizagem linguística, apresentamos, de forma coletiva, uma história publicada no *site* “Portal da Turma da Mônica” chamada Chico Bento em “O Lobisomem”.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: descrição e avaliação

Como dito em outro momento, as aulas do estágio foram ministradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, no bairro da Bela vista, nas proximidades da Universidade Federal de Campina Grande. Trataram-se das ações propostas no projeto de intervenção traçado para as realizações das atividades previstas no Subprojeto PIBID Letras “Promovendo práticas de leitura e escrita com textos de gêneros diversos no ensino fundamental”, cujo objetivo primordial fora inserir alunos dentro de práticas de leitura e escrita.

Após o momento de observação das aulas, dentro do período de levantamento de dados para a constituição do *corpus* que serviria para análise diagnóstica, a partir das aulas de leitura de textos, foi constatado que os alunos não identificam

características estruturais basilares, tais como função, intenção e suporte, e até mesmo outras, conforme elenca Kleiman (1992, p. 25), como comunicar; representar; investigar; compreender; e contextualizar. Desse modo, em reflexão simbiótica junto ao professor supervisor, a primeira ação foi a promoção do contato aluno [leitor] com o texto [revista em quadrinhos] garantindo, assim, de maneira prospectiva, o reconhecimento do suporte, bem como do gênero em potencial. Isso fez com que os alunos fossem, paulatinamente, inseridos nos hábitos de leituras contemplados no entorno do suporte.

Com duas aulas de 50 minutos, as atividades foram iniciadas e desenvolvidas. No primeiro encontro, foi apresentada a proposta do curso (as aulas ministradas para intervenção pedagógica) e, já neste momento, os alunos encontravam-se envolvidos no que propunha a proposta de intervenção que permitia, naquele momento, que os mesmos tivessem contatos com textos e que os lessem.

Com a utilização de *slides*, objetivando coletar dados oriundos de conhecimentos prévios, apre(e)ndidos a partir de diversas vivências dos alunos, foi apresentado o que seria trabalhado em oito aulas. “Amostras” dos textos abordados e as primeiras discussões foram instauradas, e por conseguinte, estimulada a produção de texto oral, como prevê o PCN de Língua Portuguesa:

cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (BRASIL, 1998, p. 25)

Em cada projeção, eram apresentados textos que constituíram a proposta interventiva, era incentivada a produção oral a respeito da compreensão textual. Os alunos participaram de maneira coletiva e colocaram, inclusive, no bojo das discussões, leituras que destoavam das expectativas apresentadas no contexto de produção para compreensão dos mesmos.

Já nesse primeiro momento, sob o prisma dos textos apresentados, como proposta de atividade de compreensão autônoma, os alunos, em grupos, tiveram contatos com textos e produziram, de forma escrita, suas primeiras impressões com relação à leitura dos gêneros estudados.

3.1. A leitura coletiva do gênero

Trouxemos uma história em quadrinho publicada no *site* da Turma da Mônica intitulada “Chico Bento em: O Lobisomem”. A história foi escolhida porque, além de trazer nuances aproximativas do PB rural, se contrapõe a linguagem da personagem principal com a do seu primo, morador da cidade. Outra questão é a utilização da linguagem veiculada em “Causos” que, geralmente, são exploradas a partir de uma projeção oral.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 45),

O personagem Chico Bento é uma criação muito feliz da equipe de Maurício de Sousa, pois permite que as crianças com antecedentes urbanos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo muitas expressões dessa rica cultura que, hoje em dia, tem pouco espaço na literatura e nos meios de comunicação.

Através de *slides*, oferecemos a possibilidade de leitura coletiva do quadrinho. Iniciamos a leitura de forma silenciosa para posteriormente lermos em voz alta, focalizando, assim, as compreensões dispersas de uma leitura não pautada no reconhecimento de elementos linguístico-discursivos.

Levamos em consideração, no desenvolver de tal atividade, que a concepção de leitura adotada correspondeu aos moldes interacionistas, que, segundo Kleiman (1989, p. 65) focaliza o aspecto social da leitura ao mostrar que esta é uma atividade de interação em que a compreensão se processa entre leitor e autor via texto.

É importante também esclarecer que no conceito de leitura dos PCNLP, há outra característica da abordagem cognitivista – a referência às estratégias de leitura

que o leitor utiliza no processo da compreensão – conforme constatamos nessa citação:

Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que se utiliza quando se lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (BRASIL, 1998, p. 53)

Reconhecemos, no decorrer das aulas, que houve uma certa compreensão do texto lido. Risadas, surpresas, inquietações, todas manifestadas a partir do momento de leitura do texto, serviram de elementos apreciativos para esta constatação.

No momento das discussões, a recorrente apreciação por parte dos alunos sobre a forma que Chico Bento veicula sua fala era associada à concepção de erro. A informação interventiva foi lançada a partir da reflexão de Bagno (2001, p. 26):

“Quando se trata de língua, só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores. Se uma pessoa disser os meninos tudo veio, ninguém, por mais preconceituoso e tradicionalista que seja vai poder alegar que ‘não entendeu’ o que aquela pessoa quis dizer”.

Outrora, pontuamos a sugestão dos PCNLP em fazer da escola um espaço de destituição das desigualdades linguísticas, mas essas só se extinguirão quando as de fatores sociais também se encerrarem. No momento da leitura, a apresentação dos quadrinhos abaixo causou indignação por parte dos alunos – o que nos chamou muita atenção, pois tal atitude revelava que intuitivamente já existia neles o sentimento de mudança de posturas que levam à produção de discursos preconceituosos.



Copyright © 2007 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 1 – Fonte: SOUSA, Mauricio. Chico Bento em: O Lobisomem.

Anterior a esse momento, seu primo, o Chico Bento, contava as histórias de lobisomem ao seu primo que assegurava não impressionar-se e alegava estar com sono. Foi um dos momentos da leitura mais aproveitados nos momentos de reflexão e discussão da temática e interpretação do texto. Sentíamos, com isso, um envolvimento com os aportes para a compreensão de perspectivas sociolinguísticas variacionais para a construção do aprendizado de língua dos indivíduos em contexto socioculturais mais diversos de manifestação e circulação da língua. de aprendizagem.

Indivíduos da cidade não estão alheios à interlocução cultural entre os mesmos e os indivíduos que vivem em contextos rurais. Apresentado reconhecimento das vivências urbanas e/ou rurais, falantes da língua portuguesa sentem-se envolvidos pela compreensão de determinados constituintes linguísticos próprios dos dialetos de cada um, reforçando a noção de plurilinguismo do nosso idioma. Uma das duas partes – em relação aos falantes - reconhecerá, um dia, que a outra é um elemento importante dentro da constituição linguística da língua, assim, levamos essa reflexão a partir da amostragem do quadrinho abaixo:



Figura 2 – Fonte: SOUSA, Mauricio. Chico Bento em: O Lobisomem.

No decorrer da aula, os níveis de participação e envolvimento com as atividades sugeridas foram gradativamente atingidos altos índices, constatamos que não houve, através dessa abordagem, uma significativa ultrapassagem dos limites da decodificação textual tida, até então, como trato com o texto. Portanto, a noção de leitor proficiente era vislumbrada como um fator a ser conquistado.

Mesmo que de maneira indiciária, conseguimos atingir graus significativos em relação à leitura e compreensão. Através da satisfação, por parte dos alunos, quanto à realização das atividades, à resposta aos estímulos provocados nos momentos de interação, às diversas solicitações para esclarecimento de dúvidas, às perguntas constantes sobre o que tratariam as próximas aulas, serviram de critérios para uma avaliação maciça dos elementos primários que concebem o didatismo que envolveu todo o processo de intervenção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento dessas atividades de leitura e compreensão, conseguimos atingir um certo nível satisfatório de apreensão das perspectivas sociolinguísticas variacionais, identificamos que muito ainda deve ser feito para que a maioria das dificuldades de leitura e escrita diagnosticadas nos momentos de observação e levantamento de informações para elaboração do plano de intervenção didático-pedagógica sejam aprimoradas. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar que grandes avanços foram conquistados em relação ao engajamento e aos primeiros indícios de autonomia dos alunos em relação aos momentos de execução e cumprimento das atividades de leitura propostas.

Concluimos que o ensino de língua, associado a instrumentos didáticos que despertem o interesse e motivem a aprendizagem, como também ao desenvolvimento de habilidades e competências tanto leitoras quanto escritoras, devem ser trazidos efetivamente para o cotidiano da sala de aula.

É importante que a escola desenvolva um trabalho efetivo de leitura e que isso garanta uma identidade tanto da instituição quanto dos indivíduos que ela forma. O papel do subprojeto, além de oportunizar a experiência docente, é de promover reflexão sobre práticas de leitura e escrita que estão, ou não, sendo eficazes no ambiente escolar.

Todo processo revela, também, que programas de fomento à aprendizagem de indivíduos em contexto de formação docente auxilia no diálogo entre a teoria e prática, fazendo com que os mesmos sintam-se mais envolvidos com a realidade de ensino-aprendizagem que os espera, possibilitando o surgimento de problemáticas a serem solucionadas com um trabalho de pesquisa e intervenção que objetivem a reversão de quadros críticos em setores da educação básica.

REFERÊNCIAS

- ANGELIM, R. C. C.; SILVA, E. V. da. Variação, gênero textual e ensino. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 161-172.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- AZEREDO, J. C. de. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por aças: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTILHO, A. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. e MACHADO, A. R. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. e MACHADO, A. R. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- KATO, Mary A. *O Aprendizado da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- KLEIMAN, Ângela. *Leitura, ensino e pesquisa*. Campinas, Pontes, 1989.
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MASCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. São Paulo: Contexto, 1995.
- NEVES, M. H. DE M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOUSA, Mauricio de. *Chico Bento: o lobisomem*. Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/lobisomem/welcome.htm>. Acessado em 02/04/20013.